

Ato 5

Resistindo ao Aguilhão (25:13—26:32)

Quando o Senhor apareceu a Paulo na estrada de Damasco, disse: “Resistir ao aguilhão só lhe trará dor!” (26:14d; NVI). Jesus usou uma figura da agricultura bem conhecida naqueles dias e ainda familiar aos agricultores de hoje¹. O aguilhão era um pedaço de galho de dois a três metros de comprimento, com uma das extremidades pontuda. Enquanto o agricultor arava com uma mão, carregava na outra mão o aguilhão. Com o aguilhão, ele podia fazer seu animal caminhar mais rápido ou virar para um lado. Às vezes, o animal dava um coice no agricultor, mas tudo o que conseguia com isso era mais um cutucão — mais severo que o anterior. *Causava-lhe* mais dor resistir ao aguilhão!

Os gregos e os romanos usavam a frase “recalcitrar o aguilhão” (ERAB) referindo-se a lutar contra a vontade dos “deuses”. Para Paulo, as palavras eram um indicador de que ele tinha lutado contra a vontade do Deus verdadeiro. Jeová tinha outra direção para Paulo ir, mas ele estivera resistindo ao plano de Deus para sua vida — e isso lhe causara dor!

Veremos, agora, o relato de Paulo de como Deus “o cutucou” para uma direção que o pegou de surpresa — e como Paulo usou a história para “cutucar” um ouvinte da realeza a encarar realidades espirituais. Cuidado durante esta

leitura: o Senhor pode usar esta lição para cutucar *você* para uma direção (*emocionante*, mas *perigosa*) que você não espera!

A SITUAÇÃO (25:13—26:1)

Começamos fazendo uma recapitulação da situação em Cesaréia. Dias atrás, o jovem rei Agripa² e sua irmã Berenice haviam chegado para saudar Festo, o novo governador da Judéia (25:13).

Agripa tinha apenas dezessete anos quando seu pai faleceu, por isso não lhe foi entregue o mesmo vasto domínio de seu pai; e, sim, poucos anos depois, um território insignificante no norte da Palestina. No decorrer dos anos, foram-lhe confiadas mais terras, mas o seu reinado era irrisório comparado ao do pai. Todavia, ele exercia considerável influência entre o povo judeu. Tinha sangue judeu e Roma o fez guardião legal do templo de Jerusalém, dando-lhe o direito de escolher o sumo sacerdote. Para todos os fins práticos, ele era o cabeça secular da fé judaica.

Agripa era um Herodes típico e vivia para agradar a si mesmo. Sua leviandade mais notória era viver em franco pecado com sua bela irmã, Júlia Berenice, embora a lei condenasse claramente o incesto (Levítico 18:1–18; 20:11–21). De acordo com os escritores antigos, a relação era

¹Alguns agricultores hoje têm um aparelho que aplica um choque elétrico, mas a maioria continua usando uma vara para tocar e guiar os animais. ²O rei Agripa é conhecido na história como Herodes Agripa II. Seu pai, Herodes, o Grande, foi quem instigou uma missão de busca e destruição do menino Jesus. Agripa foi o último da dinastia de Herodes; sendo, às vezes, chamado “o último Herodes”. Para mais informações sobre Herodes Agripa II, veja a lição “O Poder da Ressurreição” e a lição “O Homem Que Pensava Ser Deus”.

“um escândalo entre judeus e gentios igualmente”³.

Berenice casou-se com um tio quando tinha apenas treze anos⁴. Quando este faleceu, ela foi morar com o irmão solteiro, servindo-lhe de rainha⁵. Numa determinada época, ela se casou novamente — abrandando os rumores de incesto — mas não conseguiu ficar longe de Agripa. Logo abandonou o marido e voltou para o irmão⁶.

Dentre todos os que necessitavam de um “cutucão” para voltar ao caminho do Senhor, Agripa e Berenice pareciam estar no topo da lista! Depois de passarem vários dias com Festo, o governador “expôs ao rei o caso de Paulo” (v. 14), admitindo que não sabia como proceder (v. 20). Agripa disse que gostaria de ouvir Paulo, e Festo concordou alegremente (v. 22).

Certamente, chegou a Paulo a notícia de que dois membros da família herodiana estavam no palácio. Não o surpreenderia saber que queriam vê-lo decapitado (veja Mateus 14:3–12), mas Paulo deve ter-se admirado ao saber que queriam ouvi-lo pregar! J.W. McGarvey tentou imaginar a admiração de Paulo:

Será que era verdade que o abismo entre Cristo e essa família sanguinária... estava tão perto de ser transposto que um de seus membros... realmente desejava ouvir o evangelho?... A possibilidade patente de ganhar Herodes para a causa de Cristo deve ter estremecido sua alma⁷.

Paulo não deve ter dormido muito bem naquela noite. Finalmente, o dia amanheceu e ele teria a oportunidade de tentar converter Agripa!

De fato, no dia seguinte, vindo Agripa e Berenice, com grande pompa, tendo eles entrado na audiência juntamente com oficiais superiores e homens eminentes da cidade, Paulo foi

trazido por ordem de Festo (Atos 25:23).

Festo deu início aos procedimentos com uma admissão cândida:

... Rei Agripa e todos vós⁸ que estais presentes conosco, vedes este homem, por causa de quem toda a multidão dos judeus⁹ recorreu a mim tanto em Jerusalém como aqui, clamando que não convinha que ele vivesse mais¹⁰. Porém eu achei que ele nada praticara passível de morte; entretanto, tendo ele apelado para o imperador, resolvi mandá-lo ao imperador¹¹. Contudo, a respeito deles, nada tenho de positivo que escreva ao soberano; por isso, eu o trouxe à vossa presença e, mormente, à tua, ó rei Agripa, para que, feita a arguição, tenha eu alguma coisa que escrever; porque não me parece razoável remeter um preso sem mencionar, ao mesmo tempo, as acusações que militam contra ele (vv. 24–27).

Mais absurda foi a negligência do governador em soltar Paulo — especialmente depois de “achar que ele nada praticara passível de morte”¹²!

Como a ocasião não se tratasse de um julgamento formal, e sim de uma audiência informal, e como Agripa desejasse ouvir Paulo, Festo permitiu que Agripa conduzisse a entrevista. “Agripa, dirigindo-se a Paulo, disse: É permitido que uses da palavra em tua defesa” (26:1a).

O SERMÃO (26:1–23)

Paulo ficou perante o público mais majestoso, do ponto de vista mundano, a quem teve o privilégio de dirigir-se. Eu teria tremido as bases, mas ele não. O texto ocidental acrescenta que ele estava “confiante, e estimulado pelo Espírito Santo”. “Então, Paulo, estendendo a mão¹³, passou a defender-se” (v. 1b)¹⁴.

Primeiro Paulo expressou sua felicidade em ter o rei ouvindo seu caso:

³Henry E. Dosker, “Herod”, em *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. James Orr. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1960, 3:1383. ⁴Esse tio (Herodes de Cálcis) não é mencionado na Bíblia e não consta do diagrama na lição “O Homem Que Pensava Ser Deus”. Um considerável número de casamentos ocorreu na família de Herodes entre tios e sobrinhas. ⁵Em várias inscrições antigas, Berenice é designada como “rainha”. ⁶Posteriormente, quanto Tito foi à Judéia para acabar com a rebelião dos judeus, ela teve um caso com ele e teria se casado com ele, não fosse o alarido proclamado pelos cidadãos de Roma. ⁷J.W. McGarvey, *New Commentary on Acts of Apostles* (“Novo Comentário de Atos de Apóstolos”), vol. 2. Delight, Ark.: Gospel Light Publishing Co., s.d., pp. 248–49. ⁸Essa provavelmente era a maneira formal de se dirigir numa assembléia, uma vez que ele, certamente, não pretendia insultar nenhum de seus convidados da realeza, e “vós” certamente incluía Berenice e as demais mulheres presentes. ⁹Festo caiu na mesma armadilha que muitos de nós caímos. Todos os judeus *com quem ele conversara* denunciaram Paulo, logo ele disse: “toda a multidão dos judeus”. Como é fácil dizer: “Todos pensam isso ou aquilo!” ¹⁰Festo foi sempre cauteloso passando a culpa do dilema para outros: para Félix (25:14), para os judeus (25:24), para Paulo (26:32), para qualquer um, menos ele. ¹¹Realmente, ele não tinha de tomar nenhuma decisão — o apelo de Paulo tirava o caso de suas mãos — mas ele queria dar uma aparência de ser decidido. ¹²A admissão pública de Festo de que Paulo era inocente chegou tarde demais, mas sem dúvida foi benéfica para os outros membros da igreja naquela região. ¹³Paulo muitas vezes acenava a mão ao iniciar um sermão. Alguns pensam que esse gesto teria sido uma saudação ao governador e ao rei. ¹⁴A defesa de Paulo perante aqueles ouvintes diferenciados foi a mais longa e mais polida em termos de estrutura e linguagem.

Tenho-me por feliz, ó rei Agripa, pelo privilégio de, hoje, na tua presença, poder produzir a minha defesa de todas as acusações feitas contra mim pelos judeus; mormente porque és versado em todos os costumes e questões¹⁵ que há entre os judeus; por isso, eu te peço que me ouças com paciência¹⁶ (vv. 2, 3).

A razão declarada por considerar-se feliz era que, finalmente, ele estava diante de alguém que entendia a situação e que poderia compreendê-lo. (Paulo não estava bajulando o rei; escritores judeus antigos confirmaram o conhecimento que Agripa tinha do judaísmo.)

Paulo também tinha uma razão não declarada para estar feliz diante do rei: desejava de todo o seu coração convertê-lo! Converter Agripa? Converter alguém que exibia indiferentemente sua relação incestuosa diante de todo o mundo? Certamente aquele meliante estava longe da redenção! Paulo não pensava assim (2 Pedro 3:9)!

Quanto à preocupação de Paulo, ele só tinha um ouvinte: Agripa¹⁷. Nenhum outro sermão de Atos é tão pessoal. Repetidamente, o apóstolo dirigiu-se a Agripa pelo nome, pelo título e através do pronome “tu” (vv. 2, 3, 7, 13, 19, 26, 27). Para avaliar o cutucão que foi o sermão de Paulo, imagine os dois cara a cara: o velho acorrentado, o jovem na sua túnica; o pregador animado, o pródigo vazio; um perto do final de sua jornada, o outro no início. Talvez Paulo visse em Agripa alguma coisa do seu antigo eu: jovem, rico e indomável; cheio de potencial, mas voltado para a direção errada; conhecedor da lei, embora ignorante de seu propósito; opondo-se ao cristianismo sem investigar. Será que passou pela mente do apóstolo que Agripa tinha quase a idade que ele tinha quando se converteu¹⁸? Não sei, mas de

uma coisa eu sei: se Paulo conseguisse persuadi-lo, antes que o dia terminasse o jovem rei seria um cristão (vv. 28, 29)!

Superficialmente, a defesa de Paulo parece, acima de tudo, um diálogo sobre suas experiências. Entretanto, suas palavras não consistiam numa autodefesa, mas numa defesa em favor de um Senhor ressurreto (veja 2 Coríntios 4:5). Apesar disso, sua apresentação resume-se em quatro afirmações na primeira pessoa¹⁹:

“Vivi fariseu” (26:4–11)

Paulo falou de seus dias de juventude na fé judaica em 26:4, 5. Festo dissera que “toda a multidão dos judeus” (25:24) condenara Paulo. Paulo rebateu que se “toda a multidão dos judeus” dissesse a verdade, em vez de condená-lo, iriam elogiá-lo.

Quanto à minha vida, desde a mocidade, como decorreu desde o princípio entre o meu povo²⁰ e em Jerusalém, todos os judeus a conhecem; pois, na verdade, eu era conhecido deles desde o princípio, se assim o quiserem testemunhar, porque vivi fariseu conforme a seita mais severa da nossa religião (26:4, 5)²¹.

Paulo, na sua defesa, não se dirigiu diretamente às acusações específicas contra ele; mas sua apresentação enfatizou que ele não havia insultado os judeus, nem menosprezado a lei, nem contaminado o templo. Referindo-se à sua vida de fariseu, Paulo introduziu os temas da esperança dos pais e da ressurreição, pois os fariseus criam nas promessas da Palavra e também criam na ressurreição dos mortos (23:6, 8).

E, agora, estou sendo julgado por causa da esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais, a qual as nossas doze tribos²², servindo a Deus fervorosamente de noite e de

¹⁵Provavelmente, Paulo tinha em mente a controvérsia nos círculos dos judeus em relação a Jesus. ¹⁶Diferente de Tértulo, Paulo não afirmou que seria breve (veja 24:4). O capítulo 26 pode ser lido em voz alta em menos de cinco minutos — outra prova de que Lucas deu uma síntese inspirada dos sermões que registrou. ¹⁷Obviamente ele considerava Festo uma causa perdida (Mateus 7:6). Paulo incluiu todos os ouvintes duas vezes em suas observações (26:8, 29), mas ele se concentrou mesmo em Agripa. ¹⁸Veja 7:58 e a nota de rodapé 44, da lição “Pelo que Você Morreria?”. ¹⁹Esta é uma adaptação dos quatro pontos de Warren W. Wiersbe, em *The Bible Exposition Commentary* (“Comentário Expositivo da Bíblia”), vol. 1. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, pp. 504–6. ²⁰É possível que “meu povo” refira-se à comunidade judaica de Tarso; o mais provável é que se refira à comunidade judaica da Judéia. ²¹Para observações sobre a infância de Paulo, veja a lição de “Na Estrada do Discipulado”. ²²Observe a expressão “doze tribos”. O mito das “dez tribos perdidas” gerou uma multiplicidade de falsas doutrinas. I. Howard Marshall observou: “A idéia de que somente os exilados de Judá e Benjamim que regressaram formaram o povo judeu nos tempos do Novo Testamento é um mito difícil de destruir (mas veja, por exemplo, Lc 2:36)” (*The Acts of the Apostles*, The Tyndale New Testament Commentaries, ed. ger. R.V.G. Tasker. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1980, p. 392). Warren W. Wiersbe disse: “Apesar de ser verdade que as dez tribos do norte (Israel) foram conquistadas pela Assíria, em 722 a.C. e por extensão se assemelharam aos pagãos, não é verdade que essas dez tribos foram “perdidas” ou aniquiladas. Jesus falou de todas as doze tribos (Mt 19:28), assim como Tiago (Tiago 1:1) e o apóstolo João (Ap 7:4–8; 21:12)” (Wiersbe, p. 504). F.F. Bruce comentou: “O mito das dez tribos perdidas não tem nenhum registro bíblico” (*The Book of Acts*, (“O Livro de Atos”), The New International Commentary on the New Testament, ed. rev. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988, p. 463).

dia, almejam alcançar; é no tocante a esta esperança, ó rei, que eu sou acusado pelos judeus (vv. 6, 7).

Paulo insistiu que a razão real por ele estar sendo julgado era, na verdade, por crer naquilo que a maioria dos judeus criam. A “esperança da promessa que por Deus foi feita aos... pais” originalmente era a esperança da vinda do Messias²³, a “semente” de Abraão (Gênesis 12:3; 22:18; veja Gálatas 3:16, 19). Com o passar do tempo, a “esperança” original foi estendida. Nos tempos do Novo Testamento, os judeus esperavam pela restauração da glória de Israel, a qual criam que o Messias realizaria (veja Lucas 1:67–79; Atos 3:20, 21).

Entrelaçada com a esperança da restauração estava a esperança da ressurreição (Lucas 7:18–23). Daniel 12:2 diz: “Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno”²⁴. Quando Lázaro morreu, Marta falou da esperança que o judeu comum tinha: “Eu sei que ele [Lázaro] há de ressurgir na ressurreição, no último dia” (João 11:24b).

Como a ressurreição era uma esperança básica dos fariseus e dos demais judeus que tanto criam na lei como nos profetas²⁵, Paulo achava incompreensível que seus compatriotas judeus o arrastassem para o tribunal por que ele estava pregando aquilo que alegavam crer: que Deus havia ressuscitado o Messias dos mortos! Ouço um tom de surpresa na voz de Paulo, ao dizer: “é no tocante a esta esperança, ó rei, que eu sou acusado pelos judeus” (v. 7b)! F.F. Bruce captou o espírito das palavras de Paulo nesta frase: “acusado pelos judeus, de todo o povo”²⁶.

Agitado, Paulo voltou-se para o restante dos seus ouvintes: “Por que se julga incrível entre vós²⁷ que Deus ressuscite os mortos?” (v. 8). Provavelmente, mais de um ouvinte ficaram sobressaltados diante da apunhalada de Paulo

em todas as direções com seu aguilhão verbal.

As palavras de Paulo aplicavam-se a todos os presentes. A maioria dos gentios criam num Deus (ou em deuses) poderoso que criou todas as coisas (17:24, 25); se Deus pôde fazer o mundo, por que julgariam incrível que Ele ressuscitasse os mortos? Suas palavras aplicavam-se especialmente a qualquer judeu presente (incluindo Agripa): se Deus havia ressuscitado outros dos mortos, por que duvidar que Ele havia ressuscitado Jesus? Obviamente, a ressurreição sempre vai parecer inacreditável aos que crêem somente em seus sentidos limitados, confiam somente em seu raciocínio falho e confiam apenas em si mesmos.

Tendo desafiado a assembléia, Paulo admitiu ter sido como eles, um dia. Como fariseu, ele havia acreditado teoricamente na ressurreição dos mortos, mas havia rejeitado a possibilidade de que Jesus ressuscitara:

Na verdade, a mim me parecia que muitas coisas devia eu praticar contra o nome²⁸ de Jesus, o Nazareno; e assim procedi em Jerusalém. Havendo eu recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos dos santos²⁹ nas prisões; e contra estes dava o meu voto, quando os matavam. Muitas vezes, os castiguei por todas as sinagogas, obrigando-os até a blasfemar³⁰. E, demasiadamente enfurecido contra eles, mesmo por cidades estranhas os perseguia³¹ (26:9–11).

Agripa deve ter ficado surpreso ao saber que Paulo, uma vez, perseguiu os cristãos com tanto zelo quanto — ou mais do que — sua própria família. As palavras de Paulo certamente “pretendiam despertar no jovem rei a pergunta: Como esse perseguidor veio a sofrer uma mudança tão grande?”³²

“Vi uma luz” (26:12–18)

Paulo contou a Agripa o que provocou a metamorfose na sua vida:

Com estes intuitos, parti para Damasco, levando

²³Veja “Messias” e “Cristo” no Glossário. ²⁴Veja também Jó 19:25–27; Salmo 16:10; Isaías 26:19; Oséias 6:2. A passagens como estas devem-se acrescentar os exemplos dos que foram ressuscitados nos tempos do Antigo Testamento (1 Reis 17:23; 2 Reis 4:35; 13:21). ²⁵Os saduceus, que não acreditavam na ressurreição, aceitavam os cinco livros da lei, mas não aceitavam os profetas. ²⁶Bruce, p. 463. ²⁷O pronome no grego está no plural, indicando que Paulo, por um momento, dirigiu-se a toda a multidão, em vez de a Agripa somente. ²⁸“O nome de Jesus” referia-se a tudo o que Ele foi e ensinou. Veja o sermão “Em o Nome de Jesus”. ²⁹Veja “Santo” no Glossário. O uso que Paulo faz da palavra nesse contexto indicou que ele reconheceu que eles eram então inocentes das acusações pelas quais foram presos. ³⁰As palavras de Paulo possivelmente poderiam significar que ele fazia os cristãos confessarem que Jesus era divino, o que era blasfêmia para *um judeu*. (Veja “Blasfêmia”, no Glossário.) Todavia, o fato de ele ter de *forçá-los* é mais plausível com a idéia de que ele tentou fazê-los negar Jesus, o que seria blasfêmia para *um cristão*. ³¹Aqui começa o terceiro relato da conversão de Paulo em Atos. Todos os três relatos foram usados nas lições “Na Estrada do Discipulado” e “Um Chacinador É Imerso!”. Vejas essas lições para comentários adicionais de Atos 26. ³²McGarvey, pp. 252–53.

autorização dos principais sacerdotes e por eles comissionado. Ao meio-dia, ó rei, indo eu caminho fora, vi uma luz no céu, mais resplandecente que o sol, que brilhou ao redor de mim e dos que iam comigo. E, caindo todos nós por terra, ouvi uma voz que me falava em língua hebraica: Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa é recalcitares contra os aguilhões (vv. 12–14).

Tudo o que aconteceu na vida de Paulo³³ — incluindo ter sido criado como um fariseu crente na ressurreição — foi o cutucão do Senhor para que ele aceitasse Jesus (veja Gálatas 1:15a)³⁴. Paulo resistira com persistência — para o seu próprio mal. Da mesma forma, a família de Agripa estivera “resistindo aos aguilhões” por mais de sessenta anos³⁵. Se o rei fosse sincero, teria admitido que muitas vezes foi “duro”; a morte dolorosa de seu pai foi uma amostra disso.

Paulo continuou sua narrativa: cercado pela luz, perguntou com a voz trêmula: “Quem és tu, Senhor? Ao que o Senhor respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (26:15). O aguilhão divino tornou-se uma espada que despedaçou seu coração, um bisturi que remodelou sua vida! O Senhor ressurreto ordenou-lhe:

Mas levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque por isto te apareci, para te constituir ministro³⁶ e testemunha³⁷, tanto das coisas em que me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda, livrando-te³⁸ do povo³⁹ e dos gentios, para os quais eu te envio, para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim (vv. 16–18).

Se alguém levantasse uma objeção: “Só temos a sua palavra a respeito de Jesus ter aparecido a você”, Paulo tinha a resposta perfeita: “Se eu não vi Jesus, como explicar a mudança na minha vida?”⁴⁰

³³Paulo usou a forma plural “aguilhões”. O Senhor havia o aguilhoado *muitas vezes*. ³⁴Observamos numa lição anterior que Paulo *não* fora aguilhoado por uma consciência apreensiva (23:1; veja a lição “Na Estrada do Discipulado”). Alguns dos pensamentos dessa discussão anterior poderiam ser incluídos aqui. ³⁵O contado da família de Herodes com Jesus e Seus seguidores por anos proporcionou-lhes uma oportunidade única de conhecer o Senhor e segui-LO — bastava que tivessem corações puros (Lucas 8:15). ³⁶O grego traduzido por “ministro” não é a palavra comum (*diakonos*), mas sim a que significa “sub-remador”. O “sub-remador” era um servo inferior de um navio a remo. ³⁷Jesus apareceu a Paulo para qualificá-lo para ser apóstolo. Veja “Um Desafio Incomum”, no final da lição “Na Estrada do Discipulado”. ³⁸O grego traduzido por “livrando” também pode ser traduzido por “resgatando”. Durante o ministério de Paulo, o Senhor empenhou-se numa série de “missões de resgate”. ³⁹O grego tem simplesmente “o povo”, mas o termo era geralmente usado em relação ao povo judeu, como nesse contexto. ⁴⁰Esse pensamento pode se estender conforme for necessário. ⁴¹Paulo não pregou “por toda a região da Judéia” durante sua primeira viagem a Jerusalém (Gálatas 1:18, 22–24). Todavia, teve outras oportunidades quando fez outras viagens até Jerusalém (12:25; 15:2–4; etc.). ⁴²O sentido e a importância do arrependimento podem precisar serem explicados aqui. Esta explicação poderia incluir as palavras do v. 18: “para se converterem das trevas para a luz”. Veja “Arrependimento”, no Glossário.

“Não fui desobediente” (26:19, 20)

Agora, Paulo acertou o aguilhão no coração do jovem rei: “Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial” (v. 19). Estava implícita a pergunta: “Como poderia agir de outra maneira?” Se Paulo não pôde agir de outra maneira, Agripa também não poderia!

Paulo foi obediente às ordens do Senhor; foi batizado imediatamente (22:16; 9:18). Também foi obediente à comissão do Senhor:

Mas anunciei primeiramente aos de Damasco e em Jerusalém, por toda a região da Judéia⁴¹, e aos gentios, que se arrependessem e se convertessem a Deus, praticando obras dignas de *arrependimento* (26:20; grifo meu).

Paulo pregara sobre “justiça” e “domínio próprio” para um governador romano injusto e indulgente (24:25); agora, ele estava pregando sobre arrependimento para um rei judeu culpado⁴². O aclamado “versado em todos os costumes... entre os judeus” (26:3a) certamente sabia que a lei dizia: “Se um homem tomar a sua irmã... torpeza é; portanto, serão eliminados...” (Levítico 20:17). Embora fosse perigoso fazê-lo, Paulo se opôs implacavelmente: “[Arrependa-se] e se [converta] a Deus, praticando obras dignas de arrependimento” (Atos 26:20)!

“Permaneço até ao dia de hoje” (26:21–23)

Agripa precisava entender que se ele mudasse, a vida cristã não seria fácil. Paulo continuou: “Por causa disto [não por causa de alguma acusação forjada, mas porque eu preguei a salvação aos gentios separada da lei], alguns judeus me prenderam, estando eu no templo, e tentaram matar-me” (v. 21). Igualmente, os amigos do rei poderiam se voltar contra ele, se este entregasse a vida a Jesus.

Agripa também precisava saber que o Senhor

estaria com ele se ele fizesse essa entrega. Por isso, Paulo rapidamente acrescentou: “Mas, alcançando socorro de Deus, permaneço até ao dia de hoje...” (v. 22). Jesus mandou que ele “se levantasse” (v. 16) e ele *continuou* em pé — com a ajuda de Deus. A força que Paulo recebeu também estaria à disposição do rei.

Por depender do Senhor, Paulo conseguiu dar cabo da comissão que recebera dEle:

... dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes, nada dizendo, senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer, isto é, que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos⁴³, anunciaria a luz ao povo e aos gentios (vv. 22b, 23).

Posso ouvir Paulo citando Deuteronômio 18, Isaías 53 e outras passagens que comprovam que o Messias morreria e ressuscitaria e que as boas novas seriam, então, pregadas tanto a judeus como a gentios. Também ouço Paulo dizendo: “e este... é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio” (Atos 17:3b; grifo meu)!

O próximo passo lógico seria perguntar a Agripa se ele estava disposto a aceitar o que Moisés e os profetas escreveram (26:27). Antes que Paulo pudesse fazê-lo, foi interrompido.

A CONTINUAÇÃO (26:24–32)

Festo foi tirado de cena desde que o procedimentos voltaram-se para Agripa na primeira parte do capítulo. Aparentemente, porém, à medida que o sermão de Paulo prosseguiu, ele foi ficando cada vez mais agitado. Ao ver Paulo aguilhoar o convidado de honra vez após vez, o governador decidiu que era hora de chamar a ARPA (Associação Romana Protetora de Agripa)⁴⁴. E, embora Paulo estivesse dizendo isso em sua defesa, Festo disse sonoramente: “Estás louco, Paulo! As muitas letras⁴⁵ te fazem delirar!” (v. 24).

A explosão de Festo nos pega de calças curtas,

mas suas palavras não nos surpreendem. Um homem tão néscio que foi capaz de menosprezar a maior verdade de todos os tempos como algumas “questões referentes... a certo morto, chamado Jesus, que Paulo afirmava estar vivo” (25:19) não teria dificuldades em depreciar o maior proponente dessa verdade como um louco.

Quem estava agindo como um lunático era Festo. Paulo respondeu, calmamente: “Não estou louco, ó excelentíssimo Festo⁴⁶! Pelo contrário, digo palavras de verdade e de bom senso” (26:25). Paulo *havia* agido sem bom senso antes de aceitar Jesus (v. 11⁴⁷), mas agora ele estava “em perfeito juízo” (Marcos 5:15).

O apóstolo reportou-se de novo a Agripa: “Porque tudo isto é do conhecimento do rei, a quem me dirijo com franqueza, pois estou persuadido de que nenhuma destas coisas lhe é oculta; porquanto nada se passou em algum lugar escondido” (v. 26). O cristianismo não era nenhum segredo; o evangelho havia sido proclamado dos eirados (Mateus 10:27). O nascimento de Agripa coincidiu com o começo do ministério pessoal de Jesus; ele ouviu histórias sobre Jesus e os apóstolos durante sua infância. Ele podia confirmar tudo o que Paulo disse. Todavia, fazer isso o colocaria na arriscada posição de defender o prisioneiro contra seu anfitrião. Por isso ele permaneceu em silêncio.

Se Agripa pensou que seu silêncio fosse deter Paulo, estava enganado. O apóstolo o pressionou: “Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas? Bem sei que acreditas” (v. 27). Se o jovem governante dissesse que não cria nos profetas, perderia o respeito e apoio do povo judeu. Se dissesse que cria nos profetas, a próxima pergunta de Paulo certamente seria: “Então, você está disposto a aceitar que Jesus é Aquele de quem os profetas falaram?” Agripa teria de dizer *alguma coisa*; todos no salão estavam esperando uma resposta. Por fim, disse ele: “Por pouco me persuades a me

⁴³A ERC traduz “Cristo... o primeiro da ressurreição dos mortos”, tornando esta passagem semelhante a Colossenses 1:18 e 1 Coríntios 15:20. Obviamente, Jesus não foi o primeiro a ser ressurreto dos mortos, mas Ele foi o primeiro a ser ressurreto fisicamente para nunca mais morrer. No texto original, não está claro a que se refere a palavra “primeiro”. Algumas traduções (como a *New American Standard Bible*) aplicam o termo à proclamação do evangelho. ⁴⁴A Grã-Bretanha e outros países têm a RSPCA (Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals). Use esse jogo de palavras se for inteligível para os seus ouvintes. ⁴⁵Talvez Festo soubesse da educação rabínica que Paulo recebeu. Talvez tivesse visto Paulo estudando incansavelmente seus escritos na cela (veja 2 Timóteo 4:13). Talvez estivesse apenas impressionado com a habilidade de Paulo em usar as palavras na sua apresentação. ⁴⁶Compare isto com Lucas 1:3; Atos 23:26; 24:3. Este é outro exemplo de respeito à posição, quando não se pode respeitar a pessoa. ⁴⁷Embora não esteja evidente na versão para o português, as palavras gregas para “enfurecido” (v. 11), “louco” (v. 24) e “louco” (v. 25) são todas variações da palavra grega *manei* — de onde vem “maníaco” e “mania”.

fazer cristão”⁴⁸ (v. 28).

Quem me dera saber como Agripa disse essas palavras: o tom da sua voz, a expressão do seu rosto, a postura do seu corpo. O texto original pode ser interpretado de várias maneiras⁴⁹, como se vê através das diferentes traduções. Alguns tradutores acreditam que Agripa foi *sincero* (como pressupõe a ERAB); outros pensam que, embora o rei visse com *simpatia* a posição de Paulo, ainda não estava totalmente convencido (NVI); ainda há outros que têm certeza de que Agripa estava sendo *sarcástico* (NTLH)⁵⁰. Como Agripa mostrou-se gentilmente favorável a Paulo antes, durante todo o discurso de Paulo, e até depois dele (25:24; 26:1, 32), podemos praticamente eliminar o sarcasmo como uma opção. Jamais saberemos com exatidão quão perto o rei esteve da conversão.

Qualquer que fosse a intenção do rei, Paulo aceitou tais palavras pelo seu valor nominal⁵¹ e as usou para o apelo mais poderoso e eloquente encontrado em Atos:

Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos [veja Paulo, num gesto com as mãos, incluindo Berenice, Festo, os convidados, até os soldados] os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou⁵² [agora, veja Paulo, elevando os punhos algemados], exceto estas cadeias⁵³ (26:29).

Evidentemente, Agripa achou que ele já havia falado demais. Subitamente, “levantou-se o rei, e também o governador, e Berenice, bem como os que estavam assentados com eles” (v. 30). Esporadicamente, tenho consultado indivíduos proeminentes. Quando eles se levantam, você sabe que a entrevista está terminada!

Assim que Festo e seus convidados livraram-se dos olhares apelativos de Paulo, “falavam uns com os outros” (v. 31a) sobre ele. O veredito unânime era: “Este homem nada tem feito

passível de morte ou de prisão” (v. 31b). Era uma vitória para Paulo, mas não a que ele queria. Ele queria defender a Jesus, e não a si mesmo. Queria ganhar as almas e não o favor deles⁵⁴.

Festo, porém, estava longe de compor sua carta a Roma; ele ainda não tinha nenhuma acusação contra Paulo! O que quer que o governador, por fim, tenha escrito, com certeza atribuiu a culpa pela não resolução do caso a qualquer um, menos a si mesmo! Aparentemente, o relatório também foi favorável a Paulo, uma vez que ele foi bem tratado tanto durante a viagem até Roma como em Roma mesmo (28:16, 30, 31).

O capítulo 26 tem uma última observação — um fato quase inacreditável. Um Herodes com certeza nunca elogiaria um seguidor de Jesus. Não era concebível um líder judeu coligado ao sumo sacerdote falar bem de Paulo; mas Herodes Agripa II, que escolhera o sumo sacerdote obcecado por matar Paulo, fez isso! “Então, Agripa se dirigiu a Festo e disse: Este homem bem podia ser solto, se não tivesse apelado para César⁵⁵” (v. 32). O “último Herodes” ficou impressionado com o homem e a mensagem! Ficamos a imaginar o que poderia ter acontecido. Jamais saberemos.

CONCLUSÃO

Ao contemplarmos um Paulo decepcionado sendo conduzido de volta para a cela, somos tentados a dizer: “Foi uma perda de tempo! Um dos melhores sermões que Paulo pregou e nenhum convertido!” Pensando bem, não foi uma perda de tempo: a luz foi mostrada a Agripa e aos demais presentes; Paulo não tinha culpa se eles fecharam os olhos. O caminho para a liberdade foi mostrado para Agripa e os outros; Paulo não tinha culpa se eles permaneciam na escravidão do pecado. Ele pregou Jesus para eles; eram, então, indesculpáveis.

⁴⁸Esta é a segunda ocorrência da palavra “cristão” em Atos. Evidentemente, era uma designação comumente usada para os seguidores de Jesus. Não há indícios de que Agripa tenha usado a palavra de maneira depreciativa. Veja as observações a Atos 11:26 na lição “Em Antioquia... pela primeira vez”. ⁴⁹A palavra grega traduzida por “fazer” também poderia ser traduzida por “agir”. “Pouco” pode se referir ao tempo ou meios (pouco esforço ou pouca persuasão). Sem saber *como* Agripa disse essas palavras, não podemos saber se ele foi sincero ou não. ⁵⁰As três palavras iniciadas por “s” são adaptadas de Jimmy Allen, *Survey of Acts* (“Panorama de Atos”), vol. 2. Searcy, Ark.: Autor Independente, 1986, p. 138. ⁵¹O fato de Paulo parecer levar a sério as palavras de Agripa é o argumento mais forte para crer que Agripa foi sincero no que disse. ⁵²Observe que Agripa falou de tornar-se “cristão”, enquanto Paulo falou de tornar-se como ele. A vida de Paulo define o que um cristão deve ser. ⁵³Trinta ou mais anos antes, Paulo não hesitou em amarrar homens e mulheres (9:2; 26:10), mas agora ele jamais faria isso a alguém! ⁵⁴Lucas continuou acumulando mais declarações oficiais da inocência de Paulo. Veja o possível “propósito apologético” de Atos na lição “A Mais Grandiosa Continuação de uma História que Já se Escreveu”. ⁵⁵Tendo Paulo apelado para César, a única opção do governador era mandá-lo para César. Veja os parágrafos contendo as notas de rodapé 42 e 43, na lição “Repetição — ou Lembrete?”, sobre Paulo estar certo ou errado em apelar para César.

Enquanto estudou esses versículos, espero que você tenha se colocado no lugar de Agripa. Espero que tenha sentido as chibatadas do agulhão do Senhor enquanto Ele tentava, através de Sua Palavra, mudar a direção da sua vida⁵⁶. Assim como Paulo, eu rogo: “Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias” (Atos 26:29). No fim, *você* tem de decidir se vai atender ao chamado do Senhor ou não. Você pode ser como Paulo, que não “foi desobediente à visão celestial” (v. 19), ou pode ser como Agripa, que se levantou e saiu. Qual atitude você vai tomar? ❖

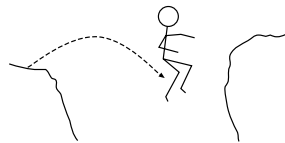
NOTAS SOBRE RECURSOS VISUAIS

Pegue uma vara de uns 2 ou 3 metros e deixe-a pontuda numa extremidade para mostrar como é um agulhão. Mostre como o agulhão era segurado — paralelo ao chão, na altura da cintura. Mantenha-o por perto durante a aula ou sermão, e quando mencionar um dos cutucões de Paulo em Agripa, simultaneamente, dê um golpe no ar com o agulhão.

Se quiser enfatizar o conceito de “por pouco” (veja as “Notas para Sermão” abaixo), comece colocando vários itens na lousa: primeiro, escreva uma operação matemática incorreta. A seguir, escreva um nome ou palavra conhecida com uma letra errada. Depois, desenhe uma pessoa tentando pular um abismo (sem consegui-lo). Por exemplo:

14
+17
32

David Roper



Pergunte: “O que essas ilustrações têm em comum?” Todos respondem “*por pouco*” ou “quase”. A soma está *quase* correta; o nome está escrito *quase* corretamente; o homem *quase* conseguiu chegar ao outro lado. Embora cada resultado estivesse próximo do correto, não estava certo. A soma não está 97 por cento certa; e sim 100 por cento errada. O nome não está 90 por cento certo; está 100 por cento errada. O homem não ataves-

sou sete oito avos do caminho; ele simplesmente não conseguiu! O “quase” ou o “por pouco” não deixarão que a obra seja realizada!

NOTAS PARA SERMÃO

A história da não conversão de Agripa é a última lição da série sobre conversões proposta na lição “O Começo da Pregação do Evangelho em Sua Plentitude”. Se você pregar essa série, poderá usar esta lição ou uma das idéias seguintes.

A clássica abordagem a essa não conversão é um sermão intitulado “Por pouco me Persuades” ou “Quase Induzido”. Aqui está uma idéia que você pode usar: “Existem dois tipos de pessoas: as ‘quase’ cristãs e as ‘totalmente’ cristãs.”

Uma forma de estudar sobre Agripa seria pregar sobre “Um Jovem e Rico Governante”, comparando Agripa com o jovem rico de Mateus 19, Marcos 10 e Lucas 18. Em certos aspectos, eles eram parecidos, e em outros, eram diferentes, mas no fim ambos menosprezaram a maior oportunidade de suas vidas.

O centro desta história é o terceiro relato da conversão de Paulo. Como estudamos essa conversão detalhadamente em edições anteriores, minha ênfase nesta lição de Atos 26 é como Paulo usou o relato para tentar converter Agripa. Pode ser que você queira enfatizar a conversão propriamente dita. Em relação ao relato de Atos 26, Mark Clairday enfatizou o *zelo* demonstrado por Saulo/Paulo — tanto antes quanto depois de sua conversão. Ele falou de um “zelo mal direcionado” (quando perseguia os cristãos), de um “zelo redirecionado” de Paulo (em consequência do Senhor ter aparecido a ele), e do “zelo evangelístico” de Paulo (ao tentar converter Agripa).

Quando Rick Atchley pregou sobre Atos 26, não fez um estudo versículo-por-versículo, mas destacou que a ênfase de Paulo estava em Cristo: A Realidade de Cristo, A Ressurreição de Cristo, A Revelação de Cristo, O Poder de Cristo (até para os gentios), A Resposta a Cristo (de um sermão intitulado “Evitando o Óbvio”).

Coloquei Agripa sob os holofotes, mas Festo

⁵⁶Pode-se aplicar isso aos que já são cristãos: Deus pode estar testando vocês com “o agulhão” para que tenham vidas de maior enpenho ao serviço — sendo mais parecidos com Paulo.

também é digno de observação. Pode-se pregar um sermão sobre “O Homem que Era Ignorante — e Orgulhava-se Disso”. O texto bíblico seria 26:24, onde Festo falou sem esperanças das “muitas letras” de Paulo. 1) Festo era ignorante acerca da diferença entre o judaísmo e o cristianismo (25:19a). (Alguns hoje não distinguem entre o Antigo e o Novo Testamento.) 2) Ele era ignorante acerca da ressurreição de Cristo (25:19b). (Muitos hoje não reconhecem a essencialidade da ressurreição corpórea de Jesus.) 3) Ele era ignorante acerca do servo de Deus (25:24 — “este homem”): quem era ele, o que ele defendia,

o que ensinava. (Muitos são ignorantes acerca da Bíblia e seus ensinamentos.) 4) Ele era ignorante acerca dos valores espirituais (26:24). (Isto se aplica ao nosso mundo materialista.) 5) Ele era ignorante acerca da responsabilidade pessoal (25:14, 24; 26:32). (A maioria de nós gostamos de transferir a culpa pelos nossos pecados.) Poderia ser acrescentado: 6) Ele era ignorante acerca das conseqüências de deixar de responder, etc. (Esta lição poderia se chamar “O Homem que Ficou Confuso” [25:20]: *confuso* com a diferença entre as Alianças do Antigo e do Novo Testamento, etc.)

Autor: *David Roper*

Série: *Atos*

© Copyright 2002, 2003 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS